

**COLAÇA, Joyce Palha; FARIAS, Michel Marques de; COSTA, Thaís de Araújo (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023.**

Fernanda Moraes D'Olivo<sup>1</sup>  
 Milene Maciel Carlos Leite<sup>2</sup>

Em *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*, as organizadoras Joyce Palha Colaça, Thaís de Araújo Costa e o organizador Michel Marques de Farias nos convidam para verdadeiros encontros (e desencontros) com pesquisas na área de História das Ideias Linguísticas em interlocução com a Análise de Discurso de perspectiva materialista. O principal ponto de investigação, nesses trabalhos, é a sala de aula, em seus muitos níveis de ensino. São, assim, 13 entrevistas, com histórias e diferentes formas de pensar o discurso, a prática docente e o que se está chamando de educação linguística.

Já na apresentação do livro, um ponto digno de destaque é o fato das organizadoras e o organizador ressaltarem um posicionamento assumido na obra: o de dar protagonismo às pesquisas realizadas por mulheres. O recado é claro: não há interesse em abrir mão do político, entendido, em Análise do Discurso, via Orlandi (1998), como a divisão dos sentidos. Frente ao cenário de dominação de homens - em geral, brancos e europeus - nas pesquisas científicas, busca-se valorizar os trabalhos de pesquisadoras, desde a epígrafe, com bell hooks, até à última entrevista, com Verli Petri.

Outro ponto merecedor de ênfase é o fio condutor das entrevistas. Seis perguntas cumpriram esse papel. A primeira valorizou o percurso de formação das entrevistadas, entendendo-se que uma pesquisadora não se faz da noite para o dia; trata-se de um processo. As três perguntas seguintes buscaram produzir, a partir das respostas das professoras-

<sup>1</sup> Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAP-UERJ). Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, com pós-doutoramento em Linguística pela Universidade Federal Fluminense. Mestra em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá. Graduada em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8770-6361>. E-mail: [fernanda.dolivo@gmail.com](mailto:fernanda.dolivo@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAP-UERJ). Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Mestra em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Especializanda em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. Graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Federal Fluminense. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6074-5421>. E-mail: [milenemcl@gmail.com](mailto:milenemcl@gmail.com).

pesquisadoras, um mapeamento das contribuições da AD e da HIL para uma educação linguístico-discursiva no Brasil. A quinta pergunta voltou-se para a produção teórico-prática das entrevistadas. A última pergunta, enfim, convidou as acadêmicas a pontuar quais seriam os principais desafios de uma tomada de posição materialista por parte da/o docente em sua práxis pedagógica na educação básica.

Como professoras no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, o CAP-UERJ, e analistas do discurso de formação, destacamos o profundo interesse nas respostas formuladas a partir desses questionamentos. De nosso gesto de leitura, sentimo-nos também interpeladas, enquanto parte da comunidade docente atuante na educação básica, a (re)pensar as nossas práticas de sala de aula atravessadas por uma posição discursiva. Por isso, enfatizamos, na presente resenha, as respostas das entrevistadas que façam bordas à discussão a respeito dos possíveis caminhos de práticas educacionais que considerem a língua para além de seus aspectos formais.

Deste ponto em diante, o destaque recai sobre as 13 entrevistas. Águeda Borges, professora-pesquisadora da Universidade Federal do Mato Grosso, abre a lista de entrevistadas. Seu trabalho de pesquisa, predominantemente articulado a experiências de ensino/aprendizagem com povos indígenas, defende que o caminho de uma educação linguístico-discursiva no Brasil passa por um olhar mais atento ao entorno, à realidade, como o fez Paulo Freire. Nos termos da pesquisadora, “é preciso [...] deixar-se afetar pelas forças das condições de produção. Lembrar, por exemplo, que os povos originários não estão mais somente nas aldeias, estão na cidade, em relação com o mundo, com o Outro [...]”. E acrescenta: “Eles pertencem a sociedades que se estão (re)construindo no conflito, na tensão do inevitável contato, há mais de cinco séculos” (Borges, 2023, p. 28).

A professora destaca, ainda, a importância de a Linguística, enquanto campo do conhecimento que forma professores atuantes na educação básica, abrir espaço a deslocamentos de uma prática de ensino de língua portuguesa que privilegie os aspectos formais para outra que assuma uma perspectiva discursiva. Borges acredita, assim, nos impactos que teorias como a AD e a HIL, disciplinarizadas no campo da Linguística no Brasil, produzem sobre a formação de professores e, consequentemente, sobre o ensino.

Amanda Scherer, da Universidade Federal de Santa Maria, é a segunda entrevistada. Ao nos contar sobre seu percurso de formação, destaca o seu trabalho de pesquisa sobre o ensino de língua francesa. De sua fala, recortamos a concepção de que não se deve acordar valor a certas línguas, em detrimento de outras, porque isso determina uma hierarquia. É o que a autora define como “política linguística”. De sua posição, deve-se trabalhar com “políticas de línguas”, considerando, com isso, a diversidade existente tanto no português quanto no francês ou em outra língua. Nesse sentido, a autora questiona o termo “educação” quando ligada à palavra “linguística” ou “discursiva”; de seu ponto de vista, ambos nos inclinam a uma aplicabilidade, quando o que precisamos é “des-superficializar” o ensino e a aprendizagem da língua, tirá-la desse lugar de “conteúdo” (Scherer, 2023, p. 42).

A terceira entrevistada é a professora-pesquisadora Ana Maria di Renzo, da Universidade do Estado de Mato Grosso. Seu interesse de pesquisa recai sobre a relação entre escola e política linguística, bem como a historização da instituição escolar e seus instrumentos linguísticos, temas que nos são caros enquanto professoras de educação básica e de formação de professores. Em sua fala, é constante a preocupação em pensar, de forma crítica, políticas públicas e políticas de língua no que concerne à educação básica e à formação de professores. Di Renzo ressalta que o ensino de leitura e escrita deve ser visto para além do viés cognitivista, sendo necessário considerar, no processo de escrita, o sujeito em suas diversas posições e, na leitura, as diferentes condições de produção. Nesse sentido, a pesquisadora reforça a importância da Análise de Discurso, no entremeio com a História das Ideias Linguísticas, para questionar instrumentos linguísticos e políticos que consideram o processo de aprendizagem pelo viés de competências e habilidades. Segundo Di Renzo (2023, p. 67), “produzir rupturas nessas concepções é o maior desafio na relação do professor em sua práxis pedagógica”.

Podemos articular as reflexões de Di Renzo à fala de Andrea Rodrigues, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a qual tem suas pesquisas voltadas para a formação de professores na articulação com a Análise de Discurso. Rodrigues, que começou a trabalhar com a Análise de Discurso após o doutorado devido a inquietações referentes a concepções de língua e sua exterioridade, relata a importância da AD para pensar a educação básica, salientando, assim como Di Renzo, que o conhecimento de tal teoria por parte de professores que atuam na educação básica pode criar outras possibilidades para o ensino de leitura e escrita.

Da fala de Rodrigues, destacamos a sua leitura crítica à BNCC, principalmente ao apontar, pelo viés discursivo-materialista, as possibilidades de encontrar brechas neste documento, que preconiza o ensino de língua a partir de gêneros textuais e da aprendizagem por meio de habilidades e competências (Rodrigues, 2023, p. 71). A pesquisadora defende que o trunfo da AD na educação básica está no fato de contribuir para o ensino de leitura e de escrita, à medida que leva em conta os diferentes sentidos produzidos, a depender das condições de produção, da posição-sujeito, das diferentes possibilidades de (se) tomar a palavra, trabalhando, assim, com a polissemia em sala de aula. Praticar a educação linguística a partir da Análise de Discurso materialista, conforme salienta Rodrigues, baseada em Indursky (2011, p. 73), "é promover análises que vão além da descrição da língua e permitem leituras discursivas das formas da língua e seus efeitos de sentido quando se leva em conta seu caráter material".

Claudia Pfeiffer, professora-pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas, é a próxima entrevistada. Por meio de uma fala leve, mas potente, a pesquisadora ressalta o seu percurso de formação, no qual sempre estiveram presentes questões referentes à escola - enquanto espaço de institucionalização do saber sobre a língua -, à leitura e à escrita, mais especificamente a autoria, pensadas a partir de uma perspectiva discursivo-materialista, no enlace com a HIL. Sua fala complementa as reflexões sobre educação linguística apresentadas por Di Renzo e Rodrigues, principalmente ao ressaltar o aspecto ético-político da AD que "permite construir o lugar do professor de língua", o qual é constituído também por uma visão advinda dos trabalhos de Pêcheux de que toda prática científica é ideológica e, uma prática científica que tem como objeto a língua, o discurso, é, portanto, uma "política de língua" (Pfeiffer, 2023, p. 88-89).

Um ponto que merece destaque da fala de Pfeiffer é sobre a importância de estudos atuais em AD e HIL, como o de Rogério Modesto e Mariana Cestari, que propõem as noções de *discurso racializado* e *discursos classistas racializados de gênero*, respectivamente, sendo estes estudos fundamentais para uma educação linguística e discursiva antirracista. Além desses trabalhos, a pesquisadora finaliza sua entrevista citando diversas pesquisas em HIL que podem contribuir para um ensino de língua escolar que rompe com visões naturalizadas sobre a língua e sobre o processo de leitura e escrita, possibilitando, assim, um trabalho docente que permita aos alunos uma relação de autoria sobre a(s) língua(s).

Em seguida, temos a entrevista de Eni Orlandi, professora-pesquisadora que dispensa apresentações para quem é da área de Análise de Discurso de perspectiva materialista e de HIL. Atualmente, ela atua como colaboradora na UNICAMP e na Universidade do Estado do Mato Grosso. Sua pesquisa e suas reflexões estão imbricadas nas falas de todas as entrevistadas, o que apenas confirma o seu papel como fundadora das áreas de Análise de Discurso de perspectiva materialista e Histórias das Ideias Linguísticas no Brasil. Dentre inúmeros pontos relevantes de sua entrevista, destacamos o modo como a autora compreende a práxis na formação docente que, sendo articulada à AD e à HIL, permite aos professores serem "inventivos, independentes em suas formulações, elaborações, deslocamentos" (Orlandi, 2023, p. 108), produzindo assim, não apenas uma educação linguística, mas sim uma "educação social", constituída a partir de rupturas de concepções que não consideram a língua na sua relação com o social e com o histórico.

Em relação ao ensino de leitura e escrita, temas fundamentais para professores de educação básica, a professora-pesquisadora acrescenta um ponto ainda não discutido pelas entrevistadas anteriores. Para ela, a reescrita e a releitura são processos que nos permitem ser cidadãos mais críticos diante do que lemos e escrevemos, o que coaduna com o nosso objetivo, como professoras da educação básica, de formar cidadãos críticos em suas práticas sociais.

A próxima entrevistada é a professora-pesquisadora Fabiele De Nardi, da Universidade Federal de Pernambuco. Ao falar sobre o seu processo de formação, De Nardi destaca a necessidade de, na escola, compreendermos as línguas enquanto plurais e heterogêneas, passíveis de falha e equívoco. Foi a partir dessa compreensão de língua pelo viés da AD que a professora-pesquisadora definiu a relação língua-cultura como seu objeto de pesquisa.

A partir de seu objeto de pesquisa e seu trabalho com *línguas outras*, De Nardi retoma seus trabalhos sobre leitura na e da escola e sobre escrit(ur)a em línguas estrangeiras para falar sobre a contribuição da AD na educação linguística e no processo de formação de professores. Para a professora, é fundamental compreendermos os currículos e o espaço da língua estrangeira nas escolas para, então, lutar por um lugar de relevância na instituição escolar. Luta esta que é possível por meio de um processo de leitura e compreensão de documentos institucionais sobre ensino de L.E, de currículos escolares que considerem as condições de produção, os processos sócio-históricos que estão em jogo nessas formulações (De Nardi, 2023, p. 134-135).

Sobre a escrit(ur)a, de Nardi destaca, assim como Pfeiffer, a relevância de se trabalhar a autoria com os alunos, mas também a necessidade de compreender as falhas, o silenciamento que se dá no processo de escrita de uma língua outra, o que vai de encontro a um discurso sobre ensino que foca o aprendizado por competências e habilidades. Os pontos apresentados aqui coadunam com um processo necessário na formação de professores ao discutirmos uma educação linguística: a tomada de posição para lutar por uma educação linguística que não seja focada na aplicabilidade e no apagamento da heterogeneidade da(s) língua(s).

Freda Indursky, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, destaca que a AD e HIL, ainda que não sejam teorias aplicadas, podem/devem embasar o trabalho de professores na educação básica, especificamente na reflexão sobre a língua e sobre o texto, enquanto objeto a ser lido, interpretado e produzido. Em suas palavras, “observar o texto como um objeto que materializa saberes provenientes de um ou vários discursos pode ser explorado pelos futuros professores em suas salas de aula” (Indursky, 2023, p. 148). Somamo-nos a essa defesa, por considerar que esse trabalho indutivo, que conduz os estudantes a observar, nos textos lidos, um funcionamento que é linguístico, textual e ideológico, alinha-se à educação crítica que defendemos. Não se trata de ler um texto de maneira pacífica, mas entendendo-se como parte do processo de leitura, parte individual e social; o mesmo ocorre com o processo de escrita.

A autora destaca, ainda, a importância dos conhecimentos advindos da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas na formação dos professores, pois esses irão orientar a escolha dos textos a serem trabalhados em sala e determinar a condução das práticas de leitura realizadas no espaço escolar. A teoria, assim, para um professor atuante na educação básica, não é objeto de sua docência, mas sustenta as formas de condução de suas práticas pedagógicas.

Posicionamentos semelhantes defendem as próximas entrevistadas, Maraísa Lopes, da Universidade Federal do Piauí, e Rívia Fonseca, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Lopes destaca que uma formação em AD/HIL leva a um estudo da língua na sua relação com a sociedade, com a história. Desse modo, ao retomar Orlandi (2014), posiciona-se em favor de um modo de se relacionar com o conhecimento menos próximo da capacitação e mais ligado à formação, em um exercício de se reconhecer “em uma relação de saber a língua, de saber ler

e escrever” (Lopes, 2023, p. 162). Acrescentamos: de se perceber em uma relação de saber na e pela língua, o que implica a leitura e a escrita. A consequência disso, nos termos da pesquisadora, seria permitir ao sujeito (ao sujeito-estudante da educação básica) “o dimensionamento do efeito de sua intervenção nas formas sociais e o lugar da formulação, da reformulação, da significação e da ressignificação” (Lopes, 2023, p. 162).

Fonseca, por sua vez, ressalta os impactos da teoria sobre a posição-sujeito professor. A pesquisadora defende que “a apropriação da teoria pelo professor desestabiliza o efeito de evidência construído e constituído historicamente sobre o que é ser professor” (Fonseca, 2023, p. 172) Em consequência disso, outras evidências vão sendo desnaturalizadas, como a da homogeneidade linguística, tão enraizada na educação linguística mais tradicional. Junto a Mariani (2016), Rívia aposta na AD e na HIL como capazes de “revirar as certezas ao avesso”, promovendo um ensino que trabalha “na articulação entre a ideologia e a história na sala de aula” (Fonseca, 2023, p. 175).

Solange Gallo, da Universidade do Sul de Santa Catarina, defende que a maior contribuição da AD e da HIL para a educação básica está na possibilidade de mostrar a imbricação entre a materialidade histórica e a materialidade da língua (Gallo, 2023, p. 185). Sob essa concepção, a língua não acontece de maneira abstrata, mas ancorada em práticas - materiais, portanto, sociais, históricas e ideológicas - e em tecnologias. Fazemos coro à afirmação de que essa concepção, uma vez conhecida/trabalhada pelos professores de português, modifica as possibilidades de ensino e aprendizagem de uma língua, ampliando o seu valor ético e político.

A entrevista de Vanise Medeiros, da Universidade Federal Fluminense, começa nos lembrando da força dos encontros, na trajetória de qualquer professora-pesquisadora. Esse é um ponto de suma importância, que se faz presente, inclusive, no título da obra aqui resenhada. Foi o - feliz! - encontro com duas obras de Eni Orlandi, *História das Ideias Linguísticas* e *Língua e Conhecimento Linguístico*, que mudaram a sua trajetória no campo da docência e da ciência, direcionando o que ela queria, enfim, fazer. Outra singularidade de sua fala é a referência à literatura; em seus termos, não só a AD e a HIL trazem a reflexão fundamental da língua em sua relação com o sujeito; “a literatura também traz, pulsantemente, a questão do sujeito”



(Medeiros, 2023, p. 197), sendo muito produtiva para discussões que partam dos campos de conhecimento aqui discutidos.

Quanto ao fazer pedagógico na educação básica, Medeiros destaca uma grande contribuição da AD e da HIL: o aviso de que não há neutralidade, nem em uma aula de morfologia, nem de sintaxe, nem em nenhuma outra. Levar as posições de vários gramáticos, por exemplo, para uma dessas aulas possibilita mostrar ao aluno que não há um só modo “correto” de pensar a língua; “se faz e [...] se produz conhecimento a partir da memória de certas posições” (Medeiros, 2023, p. 198). Essas posições são discursivas, produzem diferentes efeitos de sentido.

Além disso, a pesquisadora defende a importância de um professor estar constantemente revendo as suas práticas; a cor da caneta que usa, se usa caneta ou lápis, os comentários que faz em sala. É desse modo que se produz uma desmistificação da ilusão de que a professora/o professor detém todo o saber. A práxis - atravessada por uma posição discursiva, acrescentamos - está no “respeitar esse lugar do saber do outro” (Medeiros, 2023, p. 199). É levar o estudante a pensar. “É sair do lugar do impor, para o lugar de ‘Vamos refletir: e aí, como é que fica?’ E é, no pensar como é que fica, que fica bom” (Medeiros, 2023, p. 203). Isso, a nosso ver, é a base do que se está chamando de uma “educação discursiva”.

A última pesquisadora que nos brinda com suas palavras é Verli Petri, da Universidade Federal de Santa Maria. Petri afirma que, no início do período letivo na graduação, costuma perguntar aos seus alunos: o que é língua? Ao final do semestre, questiona: qual é a sua concepção de língua? As respostas mostram o quanto as concepções se alteram, com o passar do tempo. Cremos que o contato com as reflexões estabelecidas na disciplina tem tudo a ver com isso. Segundo a professora-pesquisadora, essas perguntas deveriam também ser dirigidas ao professor da educação básica. “Essa questão vai desacomodar esse sujeito pleno em aulas e em trabalhos/provas para corrigir, vai suscitar nele um momento de reflexão” (Petri, 2023, p. 209). É nesse movimento reflexivo, que põe a língua como um objeto a ser pensado na sua relação com a exterioridade que lhe é constitutiva, que a Análise do Discurso e a História das Ideias Linguísticas trabalham. Esse é o seu grande diferencial.

Fazendo, agora, um compêndio de todas as entrevistas, um termo que apareceu de forma constante foi “ruptura”, no que diz respeito à urgência de romper com discursos que naturalizam



a língua, que estabilizam sentidos e apagam o político que é/está intrínseco ao discurso. Para uma educação linguística crítica, de fato, é preciso romper com essas amarras e nos deslocar de uma educação pela repetição sem reflexão. Retomando um termo dito por Orlandi em sua fala, é preciso lutar não apenas por uma educação linguística, mas sim por uma "educação social".

A obra, fruto de um trabalho coletivo, que envolveu não apenas às/o organizadoras/r, mas também os estudantes de graduação Irene Silvério, Breno Freitas e Rony dos Prazeres, no trabalho de transcrição, e as entrevistadas, pode ser considerada, portanto, um verdadeiro presente aos que desejam iniciar e/ou aprofundar os conhecimentos sobre ensino de língua(s) por uma perspectiva materialista. Enquanto educadoras, apostamos no potencial de transformação promovido por uma educação linguística crítica, que prepare os jovens não apenas para o mundo do trabalho, mas, sobretudo, para a compreensão do seu lugar enquanto pessoa no mundo e da sua importância frente às mudanças que se fazem urgentes.

## Referências

BORGES, Á. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 19-34. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

DE NARDI, F. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 205-216. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

DIRENZO, A. M. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 55-68. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

FONSECA, R. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp:

Publicações IEL, 2023. p. 169-182. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

GALLO, S. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 183-194. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

INDURSKY, F. Discurso, língua e ensino: especificidades e interfaces. In: TFOUNI, L. V.; MONTE-SERRAT, D. M.; CHIARETTI, P. (org.). *A análise do discurso e suas interfaces*. São Carlos: Pedro e João, 2011. p. 327-340.

INDURSKY, F. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 145-158. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

LOPES, M. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 159-168. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

MARIANI, B. Um imaginário e outros. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S. (org.). *A Análise do discurso e a sua história: avanços e perspectivas*. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 35-47.

MEDEIROS, V. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 195-204. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

ORLANDI, E. P. Discurso e argumentação: um observatório do político. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n. 1, p. 73-81, 1998.

ORLANDI, E. P. (org.). *História das idéias linguísticas: construção do saber metalingüístico e constituição de língua nacional*. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, E. P. Formação ou Capacitação: duas formas de ligar sociedade e conhecimento. In: FERREIRA, E.; ORLANDI, E. (org.). *Discursos sobre a inclusão*. Niterói: Intertexto, 2014. p. 148-160.

ORLANDI, E. P. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp:

Publicações IEL, 2023. p. 105-116. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

PETRI, V. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 205-216. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

PFEIFFER, C. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 105-116. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

RODRIGUES, A. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 105-116. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

SCHERER, A. Entrevista. In: COLAÇA, J. P.; FARIAS, M. M. de; COSTA, T. de A. (org.). *Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso*. Campinas: Unicamp: Publicações IEL, 2023. p. 105-116. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/encontros-com-professoras-pesquisadoras/>. Acesso em: 7 out. 2023.

**Recebido em:** 10 de novembro de 2023.

**Aceito em:** 7 de dezembro de 2023.